

RESPOSTAS POSSÍVEIS *

JOÃO LUÍS LISBOA **



Chegado o momento de fechar as 1ª Jornadas da ESEB, não se pense que a Comissão Organizadora tem (ou tinha) a veleidade de querer tirar conclusões, ou sequer de fazer uma síntese do que se passou.

Proponho-vos apenas algumas reflexões que sirvam de ponte para outros trabalhos e outras discussões mas que, obviamente, não podem deixar de ter um cunho pessoal.

Em primeiro lugar, quero referir o contacto que aqui se proporcionou, não só entre pessoas ligadas à educação e à cultura, mas também entre projectos. Ouviram-se testemunhos de vários, estabeleceram-se ligações.

Projectos como o "Projecto Radial", de Faro, "A Cultura começa na escola", da SEC, ou da "Escola Cultural" do IIE, além de várias linhas de investigação, aqui estiveram para que deles pudessemos, não só ser informados, como até de alguma forma participar.

Deve dizer-se que estas jornadas não pretenderam ser a consagração ou o privilégio de uma orientação, de uma resposta, de um projecto. Como procurámos demonstrar na exposição de pintura e fotografia, ou como foi claro na actuação dos grupos corais, a diversidade é uma fonte onde se pode beber com proveito geral.

Não defendemos que tudo, sendo diferente, é indiferente. Fazer escolhas, optar, é fundamental. Não há que fugir da contradição, nem ter medo de a assumir, ultrapassar e, mais difícil, chegar a resultados.

Esta questão é importante quando se afirma que uma característica cultural dos portugueses seria a da fuga às contradições (num carácter talvez nostálgico mas não activo),

* Intervenção efectuada na sessão de encerramento das 1ªs Jornadas da ESE de Beja

** Docente da ESE de Beja

e que a eterna procura de consensos não permitiria superar e obter resultados dessas contradições.

Lembro, de novo, a exposição de pintura. Quem pinta como Paizana o faz, não pode pintar como Leonel Borrela, e vice-versa. Fizeram as suas opções. Mas ambos fazem parte do ambiente cultural desta cidade. E ambos devem ser conhecidos pelos que, começando agora a pintar, vão seguir um caminho próprio.

Juntemos encontro e crítica lembrando António Sérgio para quem a atitude crítica de um povo era a condição primeira para se poder avaliar o seu grau de cultura, devendo, portanto, a formação dessa atitude, ser a preocupação principal do educador.

Em segundo lugar, quero referir o papel da interrogação como marca, não só do conhecimento positivo, mas de uma atitude cultural global.

Evoco aqui o poeta-perguntador, ou os vários poetas do desassossego para tornar claro que, neste sentido, a interrogação não é apenas um instrumento de ciência.

Ter dúvidas, não ter medo de interrogar é um traço de cultura, contra aqueles que se anquilosam em certezas petrificadas.

Neste sentido, qual é, ou qual pode ser, o papel da escola? Como contributos para a reflexão deixo três exemplos sobre a forma há quem entenda a escola. O primeiro exemplo é o de uma sessão em que participou o professor Agostinho da Silva e onde se sugeriu como definição de escola a seguinte: "Local onde se vai perguntar o que se não sabe". O segundo exemplo só aparentemente podia ser uma resposta ao primeiro, e serviu de título a um livro do Dr. João Santos: "Se não sabe, porque é que pergunta?". Finalmente, o terceiro exemplo, de novo com o professor Agostinho da Silva, que aceitou dar um curso de Cultura Portuguesa na condição de apenas haver aulas quando da parte dos alunos, no início de cada sessão houvesse pelo menos uma pergunta a fazer. Sem perguntas não haveria aula.

Em terceiro lugar, quero referir o problema levantado na sessão de abertura, acerca das falsas dicotomias da cultura. Refiro apenas três: criar/consumir; indivíduo/sociedade; inovar/conservar. Creio que, nos nossos dias, qualquer destes termos, separadamente, não é operatório. Mas há relações que não podemos ignorar. Preservar a identidade nunca pode significar a recusa da mudança, numa procura de uma pureza supostamente original, até porque tal seria uma quimera insuportável. Pelo contrário, creio que se pode dizer que preservar a identidade é escolher um caminho de transformação de acordo com o que se considere essencial num dado espaço cultural, e não deixar correr as coisas e os tempos transformando-se tudo, por vezes contra as próprias comunidades.

Neste sentido, a escola tem um papel fundamental porque, sendo um lugar de conservação e de repetição, muitas vezes como se o educador fosse um arquivista (e aqui estou mais perto de Bourdieu do que da opinião expressa pelo Professor Manuel Patrício), deve ser, pela vontade dos homens, um local de acção transformadora, não a reboque, mas em correlação com as transformações sociais.

Partindo destes pressupostos, tenho para mim que ensinar cultura, mais do que criar ou recriar, deve corresponder a uma ideia de fazer/produzir cultura.

Mas fazer como? No nosso caso, este "fazer" deve inserir-se no próprio espírito da existência do ensino superior politécnico, dando-lhe sentido não como um ensino superior de segunda (ou "curto" como há alguns anos se pensou), mas através de uma muito estreita ligação entre as escolas e o meio em que se integram.

E uma concepção tão abrangente de cultura obriga a uma outra pergunta. Então todos são cultos? Se esta afirmação é verdadeira, para que é necessário a acção cultural, nomeadamente a que a escola promove? Uma resposta possível é a de que todos são cultos se houver acção cultural, nomeadamente também a que a escola promove.

Deixo, a este respeito, um outro testemunho, de novo recorrendo ao professor Agostinho da Silva. Outra das condições que impôs para aceitar um curso de Cultura Portuguesa foi a de não ser obrigado a reprovar ninguém pois, dizia, a cultura portuguesa é tanto Camões como os bolinhos de bacalhau.

Para terminar, uma referência a estas jornadas e a este espaço multidisciplinar que é o das escolas superiores de educação. Aqui se fez o balanço/perspectiva de disciplinas de cultura. Aqui se abordaram questões teóricas relacionadas com situações de ensino/aprendizagem. Aqui se falou de literatura (de várias literaturas). Aqui se falou de várias artes e formas de expressão, por vezes em grupos onde a diversidade de formações era patente. Aqui se falou de novas tecnologias.

Esta é, afinal, a realidade das escolas superiores de educação. Possa essa realidade levar a um encontro mais do que multidisciplinar, pluridisciplinar, e que esse encontro se faça numa relação constante com o meio em que cada escola está inserida.

Assim as respostas que aqui ficaram por dar vão surgindo e provocando novas interrogações. E, pensar nas respostas, já é um resultado positivo.

ARMAZÊNS da CIDADE

REIS PINTO & MARREIROS, LDA.



Tem ao seu dispor uma vasta
coleção de PRONTO A VESTIR
para HOMEN, SENHORA e CRIANÇA

ARMAZÊNS DA CIDADE, onde a
medida NÃO conta nada.

VISITE-NOS!



23869

PORTAS DE MÉRTOLA, 30-32

7800 BEJA

Colabora com

LER
educação